

# DISCURSO DE POSSE DA PROF. CLAUDIA MARIA FELICIO FERREIRA TOMÉ

## CUMPRIMENTOS

O que faz andar a estrada?

Mia Couto em terra Sonâmbula diz: É o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva. É por isso que fecham os olhos aos mortos. Não falo, todavia, do sonho de ser diretora porque essa condição nunca foi perseguida como meta. Falo do sonho de sobrevivência. Falo, assim como o filósofo Derrida, da luta do não se dar a morte.

Reporto-me, pois, às estradas de terra seca, de um cotidiano preñado de morte e vida Severina. Reporto-me ao deslocamento do campo à cidade. às cercas com poucos arames, as fontes de água nas cacimbas, o chocalhar do pouco gado, as escolinhas nos alpendres. Reporto-me a uma menina que não tão diferente da personagem de terra sonambula, a qual se encontrava em estado de guerra nas terras africanas, a sua guerra era vencer as estradas nordestinas. Era vencer a terra de empoeiramento que cobria o pau de arara que a transportava até a escola. Sim, uma poeira de fonte seca que lhe trazia um ambíguo sentimento que se movimentava entre o desejo de partir e o de ficar. Vergonha? Jamais! Como diz Mia Couto “A pressa em mostrar que não se é pobre é, em si mesma, um atestado de pobreza. A nossa pobreza não pode ser motivo de ocultação. Quem deve sentir vergonha não é o pobre, mas quem cria pobreza”.

Até ali a inocência seguia aquela menina, agora esta mulher que vos fala. Parafraseando Mia Couto, digo que, não obstante, a Vida era tão cheia de luz, que olhar era demasiado e ver era pouco, talvez naquilo tudo existisse poesia. Afinal sou nordestina, assuense de nascimento e amante da poesia. Conheci e escrevi sobre o poeta Renato Caldas que fez da fome e da desolação, poesia. Não obstante, esse modo de sentir e ver o mundo, a natureza e as pessoas não tenha me impedido do que Adélia Prado declara: “Deus

de vez em quando me tira a poesia e eu olho pedras e vejo pedras mesmo.” Foram também as pedras que em meio a poesia sustentaram o então sonho de sobrevivência que me fez e faz chegar a este momento. Não esperado na sua literalidade, desde que aqui cheguei há 20 anos, mas desde sempre atravessado e implicado no incessante desejo de fazer, de ser sempre muitas outras com e pelos outros. Talvez esse desejo justifique as muitas outras que continuam a me produzir ao mesmo tempo neste Campus e neste momento de agora – a professora, a aluna de Letras e de hoje em diante a também diretora. Falo apenas dessas outras que se move nesse espaço e não de todas que vou sendo. Bebendo da fonte literária de Fernando Pessoa, tenho acreditado que “Vivem em nós inúmeros. Se penso ou sinto, ignoro quem é que pensa ou sente. Sou somente o lugar onde se sente ou pensa. Tenho mais almas que uma. Há mais eus do que eu mesmo”

Acredito que todo o tempo, em todos os tempos a vida indica a estrada, os deslocamentos. Em Grande Sertão Veredas, entendemos com Guimarães Rosa “que o real não está na saída nem na entrada: ele se dispõe para a gente no meio da travessia”. De visão pós-fundacional, não acredito numa dada realidade (em algo pronto). Aposto na vontade de Potência pensada por Nietzsche. De modo que mesmo tendo apresentado uma proposta de gestão, ela não existirá se não for pela potência da vontade de fazer o acontecimento, o evento, a invenção CAP,

Narrando sobre a vila de Tizangara em seu romance *o último voo do flamingo*, Mia Couto epigrafa dizendo: os factos só são verdadeiros depois de serem inventados Daí porque embora tenha apresentado uma proposta de gestão, não significa dizer que tenho todas as respostas, que conseguirei sozinha, que posso todas as coisas, que estou completamente preparada, porque isso significaria cercear o efeito de poder das relações em cadeia, conforme visto por Foucault. Para ele poder é uma relação de forças que se encontra em constante movimento em todos os espaços sociais, sejam eles públicos ou privados, gerando tensões que se expressam em toda relação. A sobrevivência, da qual venho falando, nada mais é que efeito dessas relações de forças. Comparece aí a resistência como

parte constitutiva da relação e se configura como o grito do descontentamento anunciando o exercício de liberdade. Sobreviver é acreditar na vontade de potência que mobiliza cada um de nós a sonhar, lutar, sobreviver. E novamente, sonhar, lutar, sobreviver por sonhar outros mundos, para inventar. Trata-se de acreditar em um incessante por-vir. Se não acreditamos no que está por vir, morreremos. É a promessa que nos mantém vivos.

Tenho acreditado na promessa que fazemos a cada um de nós de contribuir para preparação de profissionais cada vez melhores, tenho acreditado na promessa de uma UERN sempre sobrevivente, sempre inventiva. Foi a UERN que recebeu a menina outrora empoeirada em uma carroceria sobre as rodas de um pau de arara. Foi o Campus Avançado Prefeito Walter de Sá leitão no interior chamado Assú que me tornou uma licenciada. Foi desse lugar de passagem – A UERN – que entrei na Universidade Federal do Rio Grande do Norte como mestranda. De lá vivi no entre-lugar de aluna do mestrado e de professora da UERN neste Campus. Um lugar intervalar que só se fez ao me tornar professora da UERN através de concurso público. Novamente tinha a UERN no meio do Caminho, bem no interior do Estado: Patu. Foi o CAP/UERN, o então CAJIM que recebeu, a outra de mim: a professora. O lugar intervalar, o entre-lugar, o terceiro espaço, o meio do caminho, é o lugar de deslocamento, criação, invenção, já pensado por Homi Bhabha, Jacques Derrida, dentre outros. Tenho acreditado na UERN como invenção e como promessa. Foi a invenção de um Doutorado interinstitucional UERN-UERJ que me fez doutora em Educação. E novamente no terceiro espaço fui sendo professora da UERN e doutoranda da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Essa narrativa de passagem que aqui trago inscreve um contradiscurso, uma espécie de resistência à tentativa de um estatuto homogeneizante que destrata a UERN não lhe atribuindo o seu devido valor. Essa história mal contada pode exercer o poder de desconstruir o discurso de que a universidade é peso para o Estado. Sim, história mal contada. Para Couto, a história de um homem é sempre mal contada. Porque a pessoa é, em todo o tempo, ainda nascente. Ninguém segue uma única vida, pois todos se multiplicam

em diversos e transmutáveis homens. Nessa e em outras narrativas, a história da UERN é sempre nascente. Ela se torna graúda nas muitas narrativas de seus alunos e ex-alunos. Aqueles que o discurso político teima em deixá-los esquecidos, teima em ocultar os múltiplos sentidos do acontecido, persiste em desconsiderar as narrativas que tornam visíveis os bruscos solavancos que inscrevem novos dizeres. De forma não gratuita nem aleatória, as posições têm se revelado um golpe de força que tem intentado matar os sonhos de jovens, adultos, filhos e pais de construir um país também a partir de dentro, dos torrões de terra seca.

A UERN é eminentemente interiorana, ela é povo, resistência, sonho de liberdade, promessa de vida. Já me perguntaram muitas vezes porque aqui fiquei diante de tantas oportunidades de estar em outros lugares. E mais recentemente, por que enfrentar o desafio de ser diretora em um contexto de incertezas. Mas eu pergunto existe alguma certeza? Tenho pensado, como bem poetizou Cecilia Meireles “é preciso não esquecer de ver a nova Borboleta nem o céu de sempre”. Eu só quero olhar para o CAP e ter uma visão diferente de um efeito de guerra que torne a terra sonâmbula como na literatura de Couto em que “De dia já não saíamos, de noite não sonhávamos. O sonho é o olho da vida. Nós estávamos cegos”. No livro memórias de Cegos: o auto-retrato e outras ruínas, Derrida fala de uma desconstrução da certeza do olhar e do olhar como fonte de certeza. Fala, portanto, de uma dúvida, uma suspeita.

Nada está pronto. Por isso não acredito que a conjuntura política e econômica desse Estado, e porque não dizer, desse país tenha encerrado a produção da diferença. Não acredito que o CAP não possa crescer. Acredito em um processo permanente de decolonialização que vem desestabilizando violências simbólicas, que produziu ao modo de Skliar “[...] traumas sobre traumas, violências sobre violências, negação sobre negação do outro”, a exemplo do outro interiorano em oposição ao urbano. A presença de um Campus avançado no interior do Estado é a presença mais visível da capacidade que temos de ressignificar, protagonizar, empoderar.

O sonho de sobrevivência implica em visibilizar os

obscurecidos pelo discurso colonizador. Tornar-me diretora representa a busca por formas de fazer e comunicar experiências de ensino, pesquisa e extensão que não obliterem a diferença, que não inviabilize a criação, que desconstrua estereótipos em relação ao Campus de Patu. Disponho-me a uma gestão dos fazeres que permitam aberturas para os processos de subjetivação marcados pela vontade que o outro apareça. A luz de Sousa Santos, “significa pensar a partir da perspectiva do outro lado da linha”. Até porque outro lado da linha há experiências que não podem ser desperdiçadas. Vidas interioranas que a UERN tem alcançado. Falo dos nossos alunos, daqueles que o CAP à semelhança de um **fio de missangas**, ata-os a si. Ata a si histórias de desencontros, de incompreensões, de vidas incompletas e de sonhos. Todos veem as missangas e, embora não vejam o fio que as sustentam, todos sabem que não se fazem colar sem o fio. É ele que compõe as missangas. Assim, tenho pensado o CAP-UERN: Como um fio que tem sustentado as missangas costurando o tempo, adornando vidas, impondo presença. Assim como Mia Couto condensa as infinitas vidas que podem se abrigar em cada ser humano, a vida não mais é que um colar e são sempre tantas as missangas.

São com e por essas tantas – alunos, professores, técnicos administrativos, – que acreditaram no nosso trabalho, no nosso sonho de sobrevivência e elegeram a mim e ai professor Aluísio, que não abro mão da vontade de fazer. Afinal é impossível uma só força, uma força única e indivisível, a vontade de potência se diz sempre no plural. Obrigada a cada um e a cada uma dos que votaram, obrigada a cada pai, cada mãe, cada filho, cada gestor quem tem depositado a sua confiança no CAP-UERN. Obrigada àqueles que já se foram deste Campus e que muito me ensinaram, aos que aqui me receberam, aos do convívio de longos anos e aos recém-chegados. A responsabilidade agora parece maior, mas se o CAP-UERN é da vontade de todos nós como potência, a ordem é procura expandir-se, superar-se, juntar-se a outras e se tornar maior do que quando começou ou do que temos até agora.

Entrementes, faço aqui uma homenagem a Maria Salomé de Moura, cujo falecimento ocorreu ontem na minha cidade Natal: Assu.

Nascida em Patu, na fazenda Serrote, honrou a sua cidade natal lutando pelo Campus Avançado de Patu, na época Campus Avançado prof, João Ismar de Moura. Foi pela vontade que a prof. Salomé juntamente com o prof. João Ismar de Moura e uma pluralidade de outros fez acontecer este campus. Secretária de Educação duas vezes no município de Mossoró, Prò-reitora de Ensino e Graduação também duas vezes e assumindo tantas outras responsabilidades ela nos brindou com a sua luta por este Campus que hoje assumo como gestora. Registro nesta hora, o meu respeito e admiração pela sua memória. Vidas assim são exemplo do que é à vontade. Se, em física, potência é a capacidade de realizar trabalho; na filosofia, Vontade de Potência é a capacidade que a Vontade tem de efetivar-se. Acredito que essa vontade não se aparta do sonho em que sobreviver não se reduz à conservação. A vontade consiste em expandir-se, dominar, criar valores, dar sentidos próprios. Isto significa criar suas próprias condições de potência. É um efetivar-se no encontro com os outros. Não se trata do eu quero, mas do poder querer. É dizer sim ao devir, a promessa. A promessa da qual falo não procura algo no futuro, ela cria, inventa, fábrica. Consiste em decisões urgentes.

Quando falo em decisões conto com o envolvimento e a vontade de todos: alunos, professores, técnicos administrativos, reitor e vice-reitora, pro-reitores, assessores, diretores, poder público. E, sobretudo, com a vontade de soberania de Deus na pessoa de Jesus Cristo, este que acredito como promessa de vida em abundância. Que Ele me dê, com a sua presença em toda a gestão, ousadia para sonhar, sabedoria para discernir, vontade para acontecer e sonhos para mover andar a estrada.

Muito obrigada!